

ANTÓNIO PATRÍCIO

O F I M

P E D R O O C R U



O FIM

PEDRO O CRU

© ASSÍRIO & ALVIM
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 67-B — 1100 LISBOA

EDIÇÃO 304, EM DEZEMBRO DE 1990

DEPÓSITO LEGAL N.º 34013/90

ISBN 972-37-0287-8

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GUIDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.

ANTÓNIO PATRÍCIO

O F I M

P E D R O O C R U

O F I M

história dramática em dois quadros

PERSONAGENS

A RAINHA VELHA

A AIA

O DUQUE

O MINISTRO

O DESCONHECIDO

Criados. Vestem librés de luto.

A acção passa-se na capital do Reino. Actualidade.

QUADRO PRIMEIRO

O Paço Velho numa das sete colinas da cidade. Sala de recepção. Ao fundo quatro janelas, com cortinados de veludo, dum vermelho puido, já sem brilho. As paredes, vazias, têm grandes manchas de humidade. À esquerda e ao fundo, uma porta dando para o exterior. Ainda do mesmo lado, perto da cena, o trono. Tem um dossel com armas reais, tão complexas de signos heráldicos, que é impossível, mesmo a um erudito, decifrá-las. As armas estão cobertas de crepes. Sob o dossel, num estrado, uma cadeira teatral cujo espaldar remata numa coroa. À direita e ao centro, dando para o interior, uma porta larga e baixa, com um reposteiro armoriado de cores mortas. No primeiro plano, à direita, uma mesa escura com duas cadeiras conventuais de espaldares de couro. Sobre a mesa uma serpentina de prata. Pelas janelas abertas vêem-se cimos de árvores de jardim, perspectivas confusas de casaria, descendo a colina até ao rio, animado de milhares de mastros, com a outra margem mal distinta na luz dúbia. O tecto é de carvalho apainelado, tendo ao centro um escudo de armas colorido. No chão um tapete com grandes flores fanadas. Entardecer.

Perto da mesa o Duque dá ordens a um criado velho. Tem perto de setenta anos. Cabelo branco, raro. Traços viris que a expressão do olhar desmente: vago, infantil, quase de louco. Um pouco curvado, trémulo. Fala com uma vivacidade de obcecado, pondo reticências nas palavras mais banais. Veste uma sobrecasaca preta, fora de moda.

O DUQUE

Amanhã é o aniversário de S. M. Há recepção. É preciso preparar tudo, não esquecer nada. A senhora Condessa há-de ter ordens para lhe dar...

CRIADO

Sim, senhor Duque.

O DUQUE

Veja se é preciso alguma coisa na escadaria, no vestibulo... Mas devagar. S. M. está recolhida.

Criado sai pela esquerda. O Duque olha com atenção o trono. Instantes depois entra pela direita a Aia. Cinquenta anos: uma expressão de bondade inteligente. Cabelos negros. Maneiras simples que revelam raça. Veste de escuro: sem jóias. O Duque volta-se ao ouvir-lhe os passos.

O DUQUE, *indo-lhe ao encontro.*

Sossegou mais S. M.?

A AIA

Foi preciso levar para o quarto quantos espelhos há no paço. Quer ainda mais. Ainda acha pouco. Dão-lhe a ilusão de um grande convívio, duma corte... As criadas estão todas ao pé dela. Volta-se para todos os lados, para as ver reflectidas, e sorri... sorri horivelmente. Diz que é um ensaio para a recepção de amanhã... (*Noutro tom*) Que dia de anos!

O DUQUE

Tenho esperança, senhora Condessa, tenho esperança que haja amanhã uma verdadeira recepção...

A AIA, *com desalento.*

Isso afinal é o menos. Nós a iludiremos como pudermos, piedosamente. O pior é que agora, a maior parte da pensão é consumida a amortizar as dívidas. O Estado pagou-as: vai-as cobrando assim. E o que resta é a miséria, a mais trágica: a miséria num Paço.

O DUQUE, *com uma insistência de maniaco.*

A mim o que me preocupa é a reacção... Escrevi ao Ministro meu amigo. É uma amizade de muitos anos, sempre leal. Fiz-lhe ver tudo. Expus-lhe

com pormenores a situação de S. M. a Rainha-Avó. Pedi-lhe que intercesse perante o ministério; mostrei-lhe a urgência de conseguir um aumento, ao menos provisório, da pensão; de restaurar imediatamente o Paço Velho... (*Animando-se*) e sobretudo, senhora Condessa, sobretudo, disse-lhe para falar no Paço Grande e conseguir que à recepção de amanhã, venha o Rei, a Rainha-Mãe, a corte toda... É o dia do aniversário de S. M. a Rainha-Avó. Que ao menos nesse dia se penitenciem, prestando-lhe a homenagem a que tem todo o direito...

A AIA

Mas o Ministro não respondeu ainda...

O DUQUE

Melhor, senhora Condessa: vem ele mesmo dizer-me o que conseguiu. É quase a hora. Já a outra semana cá estive. Mas muito à pressa, não pôde ouvir-me...

A AIA

Eu também queria falar-lhe. Preciso, preciso absolutamente. Mas agora não o posso esperar. É a hora em que a Rainha vai ao jardim. Talvez sair acalme um pouco...

O DUQUE

Mas eu digo-lhe, eu peço-lhe. Vá a senhora Condessa descansada. (*Outro tom, olhando-a*) A senhora Condessa está nervosa...

A AIA

Começo a perder a serenidade. A Rainha está tão inquieta! Vai ter uma noite de insónia, com certeza. Há mais de uma semana que o médico não vem. Considera-a incurável. Não tem mais nada a dar-lhe. Depois... sempre apreensões... esta incerteza... o estado do país...

as clavículas esbrugadas, sob uma pele de morta, com livores. Manto de arminhos. Na cabeça uma coroa de teatro. Mal pode andar: arrasta-se. O Duque segue-a fardado de viador, numa atitude de cerimonial, untuosa. Atrás criadas e criados. Dirigem-se para o trono. Num movimento involuntário de terror, o Desconhecido recua. Fica ao fundo da sala, como atônito. A Aia aproxima-se dele, interrogando-o. O Duque ajuda a Rainha a subir os degraus do estrado, e quando a vê sentada, ajoelha, beija-lhe a mão devotamente.

O DESCONHECIDO, à Aia, com asco e com terror.

Ficou isto!... Um rei antigo deu beija-mão a um cadáver exumado. Agora é uma corte póstuma, um povo póstumo, no beija-mão de uma Estrangeira louca!...

A AIA, abre, num movimento brusco, os cortinados de uma janela, ao fundo; estende as mãos numa invocação suprema e torcendo-as depois, num paroxismo.

Venham os corvos!...

O Duque vai começar as apresentações. Uma criada velha destaca-se do grupo. Mas a Rainha, trémula, com uma mímica atroz de sofrimento, levanta-se do trono, estica o corpo num imenso esforço: distende o pescoço de cegonha, como dominando uma multidão imaginária, e com uma voz átona.

A RAINHA

Tenho fome.

O Desconhecido fixa-a um instante. Sai precipitadamente. Duque, Aia, Criados, entreolham-se vazios.

F I M